FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado em 17/10/2023 - 05:59

Israel esvazia vilas na fronteira com Líbano; Hamas cita 250 reféns

Israel esvazia fronteira com Líbano e nega trégua para fuga de civis de Gaza

Medida ocorre em meio a temor de segunda frente ao norte; Irã diz que aliados são independentes

Igor Gielow

SÃO PAULO Após um fim de semana de escalada aguda na troca de fogo entre Israel e o Hizbullah, o governo de Tel Aviv decidiu nesta segunda-feira (16) retirar toda a população em uma faixa de dois quilômetros a partir de sua fronteira com o sul do Líbano, levando os moradores para pensões estatais.

A faixa engloba 28 cidades e vilas. Na sexta-feira (13), o governo já havia criado uma zona de exclusão de quatro quilômetros na cidade mais ao norte junto ao Líbano, Metula. No domingo, um israelense morreu atingido por um dos cinco mísseis antitanques lançados pelo Hizbullah, que por sua vez foi alvejado por artilharia e aviões de combate israelenses.

Nesta segunda, houve uma redução na atividade, com trocas de tiros mais esporádicas, talvez reflexo do temor de uma evolução imprevisível e regionalizada da guerra entre Tel Aviv e o grupo terrorista Hamas, do qual o Hizbullah é aliado —ambas as entidades são apoiadas pelo Irã, o grande rival regional de Israel.

Ao longo do domingo (15), autoridades americanas advertiram Teerã para não incentivar seus prepostos regionais a abrir uma segunda frente para os israelenses.

"Minha mensagem para o Irã é: não cruze a fronteira, não escale a guerra", finalizou o presidente Joe Biden em sua primeira entrevista mais longa após o início da crise, disparada há dez dias quando o Hamas brutalizou comunidades de Israel.

De forma menos comedida, os americanos bancaram sua posição ao enviar seu maior porta-aviões nuclear para a região e encaminhar um segundo, que deve chegar em três semanas. Além disso, posicionaram mais caças e aviões de ataque em suas bases no Oriente Médio, e o aliado Reino Unido encaminhou dois navios de guerra ao Mediterrâneo oriental.

O Pentágono também determinou que 2.000 soldados fiquem de prontidão para serem enviados a eventual resposta à guerra, de acordo com duas autoridades americanas que falaram sob anonimato, segundo o jornal Times of Israel. Em tese, os soldados teriam funções auxiliares, como suporte médico e desativação de explosivos não detonados, e podem ser alocados não em Israel, mas em outros países da região.

De seu lado, o Irã tem lançado sinais contraditórios. Nesta segunda, o presidente Ebrahim Raisi disse que seus aliados tomam "decisões independentes", reforçando a posição oficial de que não participou dos ataques do Hamas. Mas também disse, numa conversa ao telefone com o russo Vladimir Putin, "que há a possibilidade de o conflito se expandir para outras frentes".

Teerã já havia lançado diversas advertências nas palavras de seu chanceler, Hossein Amirabdollahian, que encontrou-se com seus aliados regionais desde o final da semana passada: Síria, Líbano, Hamas, Hizbullah e Jihad Islâmico.

O grupo forma o que o Irã chama de Eixo da Resistência, visando principalmente evitar a normalização de relações diplomáticas entre Israel, de quem não reconhecem a existência, e seus vizinhos árabes. O grupo tem na Rússia e, em menor medida, na China seus maiores apoiadores entre as grandes potências.

No fim da noite, Amirabdollahian disse à TV estatal iraniana que os aliados preparam uma "ação preventiva" contra Israel. "Os líderes da resistência não deixarão o regime sionista fazer qualquer ação em Gaza. Todas as opções estão abertas. A resistência é capaz de travar uma guerra de longo prazo com o inimigo. Nas próximas horas, podemos esperar um ataque preventivo da frente de resistência."

Nesta segunda, Putin conversou ao telefone também com o ditador sírio, Bashar al-Assad, antes de discutir a necessidade de um cessar-fogo com o premiê israelense, Binyamin Netanyahu, com o ditador egípcio, Abdul Fattah al-Sisi e com o presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas —rival do Hamas.

Em 2015, o Kremlin interveio na guerra civil síria, montando uma força aérea expedicionária que ainda está por lá, salvando o aliado. Putin quer que essa presença se mantenha, mas teria muito a perder com uma guerra regional, pois poderia ter de se envolver em alguma medida enquanto está com todo foco na sua invasão da Ucrânia. Já emergir como mediador seria bom negócio.

A Síria, que teve aeroportos alvejados por Israel como advertência para não transferir armas para Hizbullah e Hamas, um conflito aberto seria pássimo, dado que o país ainda está retalhado por facções beligerantes e busca normalização.

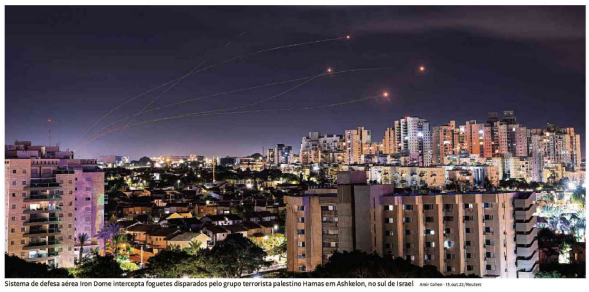
Ao Irã não interessa. O país está com a situação econômica instável e, ao fim, uma guerra existencial poderia fazer Tel Aviv lembrar o mundo que tem 90 ogivas nucleares.

A fronteira atual com Israel, chamada de Linha Azul, foi estabelecida em 2000 para marcar o limite da retirada de Tel Aviv, que havia invadido o vizinho em 1982 atrás da liderança palestina ali exilada, envolvendo-se numa horrenda guerra civil, que só viria a acabar cito uns anos depois.

A paz não veio, contudo. São as divisões sectárias que dão as cartas no Líbano, e incidentes como a guerra de 2006 entre Israel e o Hizbullah foram encerrados num empate. O grupo saiu com boa reputação militar e hoje tem um arsenal estimado em até 150 mil mísseis e foguetes, o que torna sua eventual entrada na atual guerra um pesadelo para as IDF (Forças de Defesa de Israel).

Ao sul, a fronteira da Faixa de Gaza com o Egito permanece fechada. Autoridades egípcias chegaram a dizer à agência de notícias Reuters que Israel, Egito e Estados Unidos tinham concordado com uma trégua na região sul do território palestino para a retirada de estrangeiros pela passagem de Rafah.

Tel Aviv, porém, negou que um cessar-fogo esteja em andamento. "Atualmente, não há trégua nem ajuda humanitária em Gaza em troca da saída de estrangeiros", diz trecho de comunicado divulgado pelo governo israelense. A passagem de Rafah fica na fronteira entre a península do Sinai, no Egito, e Gaza.


Sistema de defesa aérea Iron Dome intercepta foguetes disparados pelo grupo terrorista palestino Hamas em Ashkelon, no sul de Israel Amir Cohen - 15.out.23/Reuters

Parlamentares interrompem sessão em Jerusalém para se abrigar em bunker

SÃO PAULO Vestindo camisa e paletó pretos, em alusão ao luto de seus pais, o premiê Binyamin Netanyahu afirmou em discurso no Parlamento de Israel, o Knesset, que as razões que permitiram a infiltração do Hamas no país —o "desastre", em suas palavras— serão investigadas.

"Já começamos a tirar algumas conclusões", disse Bibi, como é conhecido, diante dos parlamentares. "Mas, por enquanto, focamos um objetivo: unir as forças e avançar rumo à vitória."

O primeiro-ministro direcionou sua mensagem ao Irã e ao grupo extremista libanês Hizbullah: "Não nos testem. Não cometam os mesmos erros [que o Hamas], porque o preço que pagarão desta vez será muito mais alto."

Pouco após o fala de Bibi, a sessão teve de ser interrompida por cerca de 40 minutos, segundo relatos de jornais locais, para que parlamentares fossem transferidos para um bunker. Sirenes de ataque aéreo soaram em Jerusalém, onde está o Knesset, e também em Tel Aviv, devido ao lançamento de foguetes nessas direções.

A sessão desta segunda-feira (16) decidiu sobre dois assuntos que estavam na agenda. Primeiro, aprovou adiar em três meses as eleições municipais inicialmente marcadas para o final de outubro, devido ao contexto da atual guerra. Depois, também em primeira leitura, aprovou que as prisões israelenses decretem situação de emergência durante o conflito com o Hamas e, assim, tenham permissão para ter mais prisioneiros nas mesmas celas do que antes era permitido.

Os olhos estavam voltados para o que as principais autoridades diriam sobre os primeiros dez dias da guerra declarada após o grupo terrorista Hamas invadir comunidades no sul de Israel e cometer assassinatos em massa de civis na região perto da fronteira com Gaza.

O presidente de Israel, Isaac Herzog, que também discursou, disse que a população passa por uma "crise de confiança". "O Estado e as suas instituições devem alinhar-se com os padrões estabelecidos pelo povo."

Ele também agradeceu o apoio internacional, nomeadamente o dos Estados Unidos —Herzog se reuniu nesta segunda com o secretário de Estado americano, Antony Blinken, que faz mais um giro pelo Oriente Médio. Blinken, aliás, também teve que se abrigar em um bunker durante um encontro com Netanyahu no centro de comando do Ministério da Defesa de Israel. Segundo o governo dos EUA, a medida ocorreu durante o soar de sirenes, e os dois políticos ficaram ao todo cinco minutos abrigados.

Já o ex-premiê Yair Lapid, atual líder da oposição, disse que o sistema de defesa de Israel "falhou," porque se afastou de seu "DNA". "Israel sempre proclamou ao mundo que era a única democracia no Oriente Médio e o país mais forte da região. Mas esquecemos que essas duas coisas [democracia e força de defesa] não estão desconectadas, elas são causa e efeito."

Antes da guerra iniciada em 7 de outubro, Israel era palco de protestos frequentes que questionavam a controversa reforma judicial pleiteada e parcialmente aprovada pelo governo de Bibi, o mais à direita em toda a história do país. Ativistas, intelectuais e até governos estrangeiros apontavam que o mecanismo, que enfraquecia a independência da Suprema Corte, minava a democracia israelense.

Inteligência de Tel Aviv admite falha no 7 de outubro

Ronen Bar, diretor da agência de inteligência doméstica israelense Shin Bet, assumiu a responsabilidade pela falha em prever o ataque devastador do grupo terrorista Hamas ao país no dia 7 de outubro. "Apesar de uma série de ações que tomamos, infelizmente no sábado [dia da ofensiva] fomos incapazes de gerar alerta suficiente para evitar o ataque", afirmou Bar em uma declaração. "Como aquele que dirige a organização, a responsabilidade por isso é minha. Haverá um tempo para investigações. Agora nós lutamos", disse.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo **Caderno:** A **Pagina:** 13

Copyright © Clipclap 2025.